

Construindo comunidades virtuais de aprendizagem no Facebook

Building virtual learning communities on Facebook.

Creación de comunidades virtuales de aprendizaje en Facebook

Ivanderson Pereira da Silva¹
Fernanda de Burgos Rocha²

Resumo: O presente estudo aborda as potencialidades das comunidades virtuais em interfaces da internet fundamentadas no paradigma da Sociedade da Informação. Apresenta um relato de experiência de ensino de inglês em curso técnico de nível básico por meio do site de rede social Facebook. Inicialmente discutiremos a evolução e o estado do conceito de comunidade virtual de aprendizagem e por fim, apresentamos o relato e a análise da experiência do uso do Facebook como espaço de construção de uma comunidade virtual para suporte a aprendizagem no curso de Inglês em Nível Básico do SENAC-AL. Os resultados dessa experiência sinalizam para a necessidade de ampliação do uso de espaços como o Facebook para suporte às práticas de formação dos sujeitos bem como para reconhecimento e valorização do profissional que atua nesses espaços.

Palavras-chave: Comunidades Virtuais de Aprendizagem. Educação Profissional. Facebook.

Abstract: *This study addresses the potential of virtual communities of Web interfaces based on the paradigm of the Information Society. It presents an account of experience of a basic level of teaching English in a technical course using the social network Facebook. Initially we will discuss the progress and current status of the concept of virtual learning community, and finally, we present a report and analysis of the experience of using Facebook as a space for building a virtual community to support learning in an English course at the Basic Level of SENAC-AL. The results of this experiment suggest the need of expanding the use of spaces like Facebook to support the practical training of the subjects as well as the recognition and appreciation of the professionals working in these spaces.*

Keywords: *Virtual Learning Communities. Professional Education. Facebook.*

Resumen: *El presente estudio aborda las potencialidades de las comunidades virtuales en las interfaces de Internet basado en el paradigma de la Sociedad de la Información. Presenta un relato de experiencia en la enseñanza de la lengua inglesa en el curso técnico de nivel básico por medio de la red social Facebook. Inicialmente vamos a discutir la evolución y el estado de concepto de la comunidad virtual de aprendizaje y al final presentar el relato de experiencia y la análisis del uso de Facebook cómo un espacio para la construcción de una comunidad virtual para apoyar el aprendizaje en el curso de Inglés nivel básico en el SENAC - AL. Los resultados de este experimento indican la necesidad de ampliar el uso de espacios como Facebook para apoyar las prácticas de formación de los sujetos, así como, para reconocimiento y apreciación del profesional que actúa en estos espacios.*

Palabras-clave: *Comunidades Virtuales de Aprendizaje. Educación profesional. Facebook.*

¹ É Licenciado em Física, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela UFAL. Atualmente é professor substituto do Centro de Educação da UFAL no setor de Didática e Professor da UAB/UFAL nos Cursos de Licenciatura em Física e Matemática na área de Didática e Prática de Ensino. ivanderson@gmail.com

² É Terapeuta Ocupacional e Especialista em Docência para a Educação Profissional. Atualmente é professora do SENAC-AL na área de Idiomas. Tem experiência no ensino de língua Inglesa e Educação Profissional. fernadaburgos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A revolução industrial que se inicia no século XVIII, se desenvolveu junto ao capitalismo e hoje se manifesta dentro da chamada Sociedade da Informação. Esse modelo de sociedade se caracteriza pelo uso crescente e cada vez mais intenso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) (WERTHEIN, 2000; ALMEIDA, 2009; FILATRO, 2009; TRACTENBERG e STRUCHINER, 2010).

Como ocorre ao longo da história do homem, os novos padrões econômicos tornam necessário o surgimento de novas propostas educacionais (COLL e ILLERA; TRACTENBERG e STRUCHINER, 2010). Ao propor um breve retrospecto, Filatro (2009) exemplifica que à época da 2ª Guerra Mundial, a perspectiva de aprendizagem associacionista³ era não apenas reconhecida e utilizada como também extremamente necessária, uma vez que permitia ao soldado aprender de forma rápida e mecânica a montar e recarregar suas armas, dando sustentação ao modelo de sociedade vigente.

Na atualidade, porém, a economia e o contexto político exigem a formação de indivíduos polivalentes, capazes de compreender vários temas e de exercer várias funções ao mesmo tempo. Este pragmatismo na realização das tarefas é em parte uma consequência da utilização crescente das TIC no ambiente de trabalho, enquanto que a exigência pela polivalência surge a partir da necessidade, por parte das empresas e indústrias, de contar com cada vez menos indivíduos em seus quadros de funcionários. (WERTHEIN, 2000; FILATRO, 2009; COOL E ILLERA; TRACTENBERG E STRUCHINER, 2010).

Para suprir tais necessidades, o homem se vê constantemente pressionado a adquirir novas competências e, num cenário no qual os sujeitos se encontram cada vez mais conectados e no qual as distâncias internacionais se encurtam dia após dia, o domínio de um outro idioma além da língua materna se faz cada vez mais necessário.

Como destaca Ventura (2009), a Internet é um meio de comunicação que permite o surgimento de novas formas de interação social como as chamadas comunidades virtuais e as redes sociais. Nesse sentido, o presente estudo aborda as potencialidades das comunidades virtuais em interfaces da internet fundamentadas no paradigma da Sociedade da Informação. Trata-se de um estudo qualitativo de base exploratória o qual evidencia um relato de

³ Perspectiva na qual se identificam os fundamentos behavioristas e da chamada pedagogia tradicional.

experiência de ensino de inglês em curso técnico de nível básico por meio do site de rede social Facebook.

Discutiremos a evolução e o estado do conceito de comunidade virtual de aprendizagem bem como o relato e a análise da experiência do uso do Facebook como espaço de construção de uma comunidade virtual para suporte a aprendizagem no curso de Inglês em Nível Básico do SENAC-AL.

Comunidades virtuais de aprendizagem

Uma vez que educação, tecnologia e contexto político-econômico são setores interdependentes, já é possível identificar, no ensino técnico/profissionalizante da atualidade, diversos esforços no sentido de tornar a aprendizagem por competências (e de idiomas) uma proposta coerente com o contexto da Sociedade da Informação. Dentre tais propostas, existe a sugestão de explorar o uso das TIC e dos espaços virtuais, para aprendizagem profissional em horários flexíveis (WERTHEIN, 2000; VENTURA; FILATRO, 2009; COLL E ILLERA, 2010; SILVA, PESCE E ZUIN, 2010; TRACTENBERG E STRUCHINER, 2010).

Machado (2010) citando Miranda, Morais e Dias (2007), afirma que:

associando as permanentes transformações e necessidades de mudança que a sociedade experimenta, com as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação surgem os ambientes online como plataformas de apoio ao desenvolvimento da educação e da formação, apoiados em estratégias que exigem o envolvimento e a colaboração dos intervenientes como aspectos estruturantes para a construção do conhecimento.

Quando essas comunidades se estabelecem em espaços virtuais, as chamamos Comunidades Virtuais (CV) que podem ser entendidas na perspectiva de Coll, Bustos e Engel (2010, p. 274) como

espaços de interação, de comunicação, de troca de informação ou de encontro associados às possibilidades que as TIC oferecem para criar um ambiente virtual – do correio eletrônico aos mais complexos sistemas de administração de conteúdos baseados na internet. Nas CV, os membros estão conectados através da rede e não dividem um espaço físico, mas apenas o espaço virtual que criaram para esse fim. [...] A participação não está associada a espaços reais compartilhados, mas ao interesse ou necessidade de participação de seus membros.

Desta forma, nas comunidades virtuais vão existir diferentes níveis de interação e esses diferentes níveis vão trazer diferentes benefícios associados aos objetivos e expectativas de seus membros (VENTURA, 2009).

Parte desses ambientes de apoio se apresenta sob a forma de Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Segundo Coll, Bustos e Engel (2010) as expressões “comunidades de aprendizagem” (CA) e “comunidades virtuais de aprendizagem” (CVA), passam a incorporar os discursos no transcurso dos últimos 15 anos e são difundidas por conta principalmente de quatro fatores. São eles:

- (i) a importância concedida ao conhecimento e à aprendizagem na chamada sociedade da informação, que em algumas vezes é chamada de sociedade da aprendizagem;
- (ii) A aceitação crescente de enfoques, pressupostos e teorias psicológicas e psicoeducacionais que destacam a importância dos fatores contextuais, sociais, culturais, relacionais e colaborativos nos processos de aprendizagem;
- (iii) o acelerado desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TIC), assim como sua ubiquidade e sua incorporação progressiva em praticamente todos os âmbitos da vida cotidiana; e
- (iv) a preocupação pela transformação e qualificação dos sistemas educacionais escolares e das escolas.

O debate sobre as CVA emerge somente a partir dos últimos 15 anos, em função da difusão da Internet. Esse tipo de espaço de aprendizagem emerge em decorrência da possibilidade de interação em via de mão dupla em larga escala. Grupos que se formam com objetivos educacionais/formativos em contextos formais ou informais, em espaços físicos ou virtuais têm sido investigados e a partir desses estudos é possível perceber que experiências de ensino por meio de CA ou de CVA tem tido maior repercussão no âmbito da educação para adultos (COLL e ILLERA, 2010).

Em meio à diversidade de tipos e categorias de comunidades é possível encontrar as comunidades de prática (CP) e as comunidades de aprendizagem (CA). Estudos como os de Coll e Illera (2010) nos permite ter clareza de que o limite que separa as CA das CP é muito tênue e por vezes, na prática, identificar uma ou outra, é uma tarefa muito difícil.

O conceito de comunidade de prática passa a ser difundido no mundo a partir da obra de Etienne Wenger, especificamente a partir da publicação do livro *Communities of practice: learning, meaning, and identity*, em 1998 (WENGER, 1998). Segundo Coll, Bustos e Engel (2010, p. 270), “as comunidades de prática se caracterizam por sua ubiquidade (todos pertencemos a múltiplas comunidades de prática em um momento dado de nossas vidas: em casa, no trabalho, na escola, em nossos interesses, etc.) e por seu dinamismo (as comunidades de prática as quais pertencemos mudam no transcurso de nossas vidas)”.

Esses níveis de dinamismo e de interação entre os sujeitos da comunidade define sua classificação. Acerca disso, Coll, Bustos e Engel (2010, p. 276) vão afirmar que existem três níveis. São eles:

(1º Nível) Comunidades Virtuais de Interesse (CVI) – são aquelas que permitem seus membros obtenham informação atualizada sobre o objeto de interesse a qualquer hora e de qualquer lugar. O interesse deve ser entendido aqui como “interesse por ter acesso a outros”, no sentido de vincular-se com outras pessoas para estabelecer comunicação, procurar ajuda, apoio ou possibilidades de troca. Em sentido estrito, os membros filiam-se voluntariamente às CVI e perseguem o objetivo de entrar em comunicação com outros, os quais podem, ou não, compartilhar seus pontos de vista e manter os filiados atualizados; ou, simplesmente, tentam encontrar um espaço de pertencimento, no qual compartilhar gostos e interesses, sejam eles de natureza profissional ou lúdica. (p. 275).

(2º Nível) Comunidades Virtuais de Participação (CVP) – se organizam em torno de uma prática específica; por exemplo, um grupo de profissionais em torno de uma temática; um grupo de pessoas que trabalham em uma empresa em torno da solução para um problema; um grupo de professores que trocam informações sobre o mesmo grupo de estudantes; ou ainda um grupo de especialistas em software compartilhando informação sobre como usá-lo e aperfeiçoá-lo. Neste tipo de comunidade, a filiação costuma ser voluntária – embora também possa ser requerida, como no caso das CVP dentro de organizações ou empresas – enquanto o nível de desenvolvimento continua sendo uma decisão pessoal. Geralmente, os mais envolvidos são os fundadores e em torno de suas propostas surgem participantes que assumem papéis mais ativos. (p. 276)

(3º Nível) As comunidades virtuais de aprendizagem – têm como foco, portanto, um conteúdo ou tarefa de aprendizagem e são caracterizadas por, além de serem constituídas como uma comunidade de interesses e de participação, utilizarem os recursos oferecidos pelo universo virtual tanto para trocar informações e comunicar-se como para promover a aprendizagem. Nas CVA, a filiação pode continuar sendo voluntária, mas – principalmente no caso dos projetos e das propostas mais institucionais, nos quais as comunidades são criadas para que os membros se integrem e participem como parte de seus programas regulares de estudo – a filiação, a participação e o compromisso deixam de ser regulados somente pelas regras que a comunidade desenvolve, passando a ser modulados pelas exigências das instituições, dos programas educacionais ou das atividades de aprendizagem. Nas CVA é possível que recaia sobre alguns membros, mais do que sobre outros, a responsabilidades de ajudar ou guiar os outros membros da comunidade em seu processo de aprendizagem. Normalmente, responsabilidade recai nos membros identificados como “professores”, “tutores”, “consultores” ou “coordenadores”, aqueles que supostamente possuem, em virtude de sua maior experiência e conhecimento, a capacidade para guiar e ajudar o restante dos membros da comunidade na busca por alcançar os objetivos de aprendizagem. Contudo, cabe destacar que, pela sua própria natureza, nas CVA, todos os membros estão potencialmente habilitados para ajudar e apoiar os outros membros.

Nesse sentido é importante perceber que os tipos de comunidades podem ser organizados em diversas categorias, dentre as quais comunidades de prática, comunidades de aprendizagem. Quando essas comunidades se organizam nos espaços virtuais, as chamamos comunidades virtuais e analogamente às comunidades tradicionais, podem se organizar de

diferentes formas dentre as quais: comunidades virtuais de interesse, comunidades virtuais de participação e comunidades virtuais de aprendizagem.

No entanto, identificar essas categorias ou o limite que separa uma da outra é desafiador. O que se precisa reconhecer é que nos espaços virtuais é possível construir espaços nos quais os sujeitos podem efetivamente aprender uns com os outros e isso pode ser explorado pelas instituições de ensino. Diante dessa constatação, foram exploradas, no curso de aprendizagem de idioma de língua inglesa do SENAC-AL, as potencialidades didáticas do Facebook como espaço de construção de uma comunidade virtual de aprendizagem.

Trata-se de um curso que é ofertado na modalidade presencial e que atende a alunos de perfis heterogêneos. A turma na qual a experiência se deu é de nível básico em regime intensivo. Em tese, esse tipo de turma abriga alunos que provavelmente estão iniciando no aprendizado de um outro idioma. O fato de a turma ocorrer à noite indicava ainda que todos os integrantes da mesma tinham uma rotina diária ocupada, impedindo-os de dedicarem-se aos estudos para além da sala de aula.

Essa turma era composta por 17 alunos sendo, quatro do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A faixa etária desses sujeitos variava entre os 18 e 63 anos. Dentre estes, quatro eram estudantes universitários, um era aposentado e os demais trabalhavam. Apenas um dos alunos não tinha atividades além do curso de inglês.

Em relação ao contato anterior com o idioma, quatro dos estudantes nunca havia participado de cursos de idiomas anteriormente, dois deles não tiveram a oportunidade de estudar tal idioma sequer na escola regular, um já havia viajado ao exterior, três já haviam estudado inglês previamente, mas evadiram por razões diversas. Em relação à motivação para fazer o curso, 10 relatavam interesse em ter um segundo idioma por questões profissionais e por desejo pessoal, três relatavam somente o desejo pessoal e quatro afirmaram estudar o idioma exclusivamente por fins profissionais. Dentre os estudantes, 14 descreveram sua rotina diária como “ocupada”.

Construindo comunidades virtuais de aprendizagem no Facebook

Diante de um grupo com tais características e de um curso em formato tão específico, a professora decidiu experimentar uma nova estratégia de aprendizagem para os seus alunos, que funcionasse de forma rápida, que permitisse a experimentação do idioma e que, acima de tudo, possibilitasse ao estudante perceber o processo de aprendizagem como algo prazeroso. A intenção era

permitir a interação dos estudantes e a aprendizagem dentro de uma proposta que permitisse o treino das competências a serem adquiridas de forma proativa e colaborativa.

É possível entender a aprendizagem colaborativa como um processo de interação no qual se compartilham, negociam e constroem significados em grupo, para solucionar problemas ou criar algo (ONRUBIA, COLOMINA E ENGEL, 2010). Trabalhar em grupo de forma colaborativa exige, segundo Dellenbourg et al. (apud ONRUBIA, COLOMINA E ENGEL, 2010) a compreensão e diferenciação de três paradigmas:

O paradigma do efeito tenta confirmar a suposição de que determinadas formas de organização em sala de aula – e, especificamente, uma organização cooperativa – dão lugar, sempre e de maneira generalizada, a um melhor rendimento por parte dos alunos. [...] O paradigma das condições [...] concentra-se em identificar as características das situações cooperativas que poderiam ser associadas a um melhor rendimento e aprendizagem por parte dos alunos. [...] O paradigma da interação emerge a partir da tomada de consciência de que essas variáveis, fatores ou condições não têm efeitos simples na aprendizagem dos alunos, uma vez que interagem umas com as outras de forma complexa.

Quando as noções de aprendizagem colaborativa são aplicadas com o suporte das TIC, têm-se a chamada aprendizagem colaborativa apoiada por computador (Computer-supported collaborative learning – CSCL), que pode ser utilizada em cursos completamente a distância ou de forma mista. (ONRUBIA, COLOMINA E ENGEL; SILVA, PESCE E ZUIN, 2010). Com base nestes ideais, a professora da turma de Inglês em Nível Básico, decidiu tentar a criação de um grupo de atividades utilizando o site de rede social Facebook, com o objetivo de complementar a aprendizagem ocorrida em sala de aula.

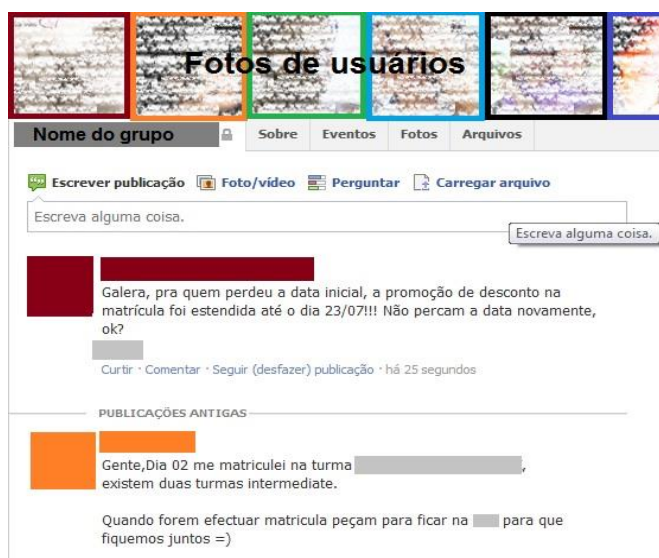
O Facebook é uma rede social criada em fevereiro de 2004, com o intuito de facilitar a troca de informações de forma rápida entre pessoas de uma mesma rede de conexões. Para fazer parte do Facebook é preciso criar uma conta de usuário no site. Tal cadastro é gratuito e o usuário deve inserir informações tais como seus dados pessoais, formação acadêmica e profissional, tópicos de interesse e quaisquer outras informações que considerar relevantes. Tais dados formam o perfil pessoal do usuário. O compartilhamento de dados se dá através da divulgação de imagens, vídeos e mensagens, que são instantaneamente inseridas no espaço de atualização (chamado de “*feed* de notícias”) de todas as pessoas com quem o usuário está conectado.

O formato de interação em grupo no Facebook é mais recente, tendo sido criado no final de 2011. O grupo permite que seus integrantes tenham uma interação mais direcionada e “particular”, uma vez que somente os integrantes do grupo poderão visualizar e interagir com os dados inseridos neste espaço. O Facebook permite a formação de três tipos de grupo: (1) grupo aberto, no qual qualquer usuário pode ver as informações sobre membros e tópicos; (2) grupo fechado, no qual

peças não participantes do grupo podem ver quem compõe o grupo, mas não tem acesso aos tópicos de discussão e outros *posts*; e (3) grupo secreto, no qual as informações sobre membros e publicações só estão disponíveis após a aceitação do usuário no grupo. Para a proposta junto a essa turma, foi escolhido o formato secreto.

Após a escolha do grupo, definição do nome, descrição dos objetivos do mesmo e adição dos usuários no grupo é possível visualizar o mural do grupo, espaço em que todas as atualizações ficam visíveis. Neste ambiente, na parte superior, se vê as imagens dos usuários integrantes do grupo, além do nome do mesmo, e as abas “Sobre”, “Eventos”, “Fotos” e “Arquivos” (Figura 1).

Figura 1 – Visão geral do grupo, suas abas e ferramentas.



Fonte: <http://www.facebook.com>

A primeira aba – “Sobre” – leva ao espaço no qual é possível encontrar as informações básicas sobre o grupo, objetivos, regras e orientações básicas. A aba “Eventos” permite a criação e visualização de eventos. Neste espaço é possível que o usuário indique se há interesse ou não em participar do referido acontecimento. A aba “Fotos” contém todas as imagens postadas no grupo. Tais imagens podem ser organizadas em álbuns, conforme a Figura 2, as quais ficam expostas no espaço inferior da aba. Por fim, a aba “Arquivos” permite que sejam disponibilizados documentos no espaço virtual, normalmente sob a forma de texto.

Figura 2 – Visão da aba “Fotos”



Fonte: <http://www.facebook.com>

Abaixo das abas, estão disponíveis as ferramentas de “Escrever publicação”, que disponibiliza a mensagem escrita por qualquer participante diretamente no mural do grupo e “Foto/Vídeo”, que permite a postagem de imagens (tanto agrupadas em álbum quanto isoladas) ou vídeos (que podem vir de outros sites, como o youtube, ou capturados naquele momento, via webcam). O uso da ferramenta Álbum/vídeo alimenta simultaneamente o mural do grupo e a aba “Fotos”. Há ainda a ferramenta “Perguntar” possibilita a criação de enquetes ou atividades de múltipla escolha, e é atualizada em tempo real, à medida que as pessoas registram suas respostas às perguntas. Por fim, a ferramenta “Carregar arquivo” permite que seja feito o *upload* dos arquivos de texto no mural do grupo e na aba “Arquivos”.

Criado o grupo e inseridos os alunos, foram criados basicamente dois tipos de atividade: as atividades de Fórum, a partir das quais a professora criava um *post* no mural do grupo e os alunos contribuía com o *post* da forma solicitada (ex: “apresente-se para seus colegas usando expressões informais”, “convide quatro colegas para fazerem algo.

Eles devem responder usando expressões formais.”) e as atividades de formação de Álbum, em que os alunos deveriam contribuir com uma foto sobre o tema do álbum e criar frases sobre elas (“Poste uma foto de uma parte de sua casa. Descreva que parte é esta e quais móveis existem ou não, usando o “*there to be*” ou “O que você fez nas últimas férias? Poste uma foto que represente algo que você fez e fale sobre suas férias. Lembre-se de usar o

passado simples.”). Um exemplo de uma postagem no mural pode ser visualizado a partir da Figura 3.

Figura 3 – Exemplo de postagem em mural



Fonte: <http://www.facebook.com>

As atividades de álbum foram organizadas de acordo com o assunto estudado, e os estudantes puderam ler as produções uns dos outros, responder, comentar e curtir estas produções. As imagens traziam provocações em formato de charges, cartazes, fotografias que diziam algo sobre a cultura ou o vocabulário norte-americano/britânico. Os alunos espontaneamente comentavam sobre as imagens postadas e tais comentários eram realizados em inglês. A participação nas atividades do grupo não implicava em nota para o curso. Um exemplo de atividade de Álbum pode ser visualizado na Figura 4.

A participação nas atividades dentro do Facebook não era obrigatória e nem contribuía para o complemento das notas dentro do curso em tela. Ainda assim, a resposta às atividades da comunidade foi bastante positiva: dos 17 estudantes, 14 aderiram à comunidade. Dentre os três que não participaram, dois evadiram do curso antes de chegarem à metade do mesmo. A outra estudante apresentava sempre um desempenho regular nas atividades feitas em sala de aula.

Dentre os estudantes que aderiram à prática de participar do grupo, nenhum evadiu ou foi reprovado. Seis alunos visitavam o grupo mais de duas vezes por semana independente de haverem ou não novas atividades. Estes estudantes costumavam tirar dúvidas sobre o conteúdo via grupo, e criavam tópicos por iniciativa própria, muitas vezes para discutir

algumas dúvidas e às vezes para mostrar uma imagem divertida que utilizava o inglês como idioma original, ou para divulgar piadas que envolviam o idioma em certo nível.

Figura 4 – Exemplo de atividade de formação de Álbum



Fonte: <http://www.facebook.com>

Dentre os estudantes que aderiram à prática de participar do grupo, nenhum evadiu ou foi reprovado. Seis alunos visitavam o grupo mais de duas vezes por semana independente de haverem ou não novas atividades. Estes estudantes costumavam tirar dúvidas sobre o conteúdo via grupo, e criavam tópicos por iniciativa própria, muitas vezes para discutir algumas dúvidas e às vezes para mostrar uma imagem divertida que utilizava o inglês como idioma original, ou para divulgar piadas que envolviam o idioma em certo nível.

Tais atividades eram permitidas, pois se encaixavam, na visão da professora, no uso do inglês de forma divertida, prazerosa. Três estudantes visitavam a comunidade apenas para a realização das atividades, não explorando os outros recursos e não visitando as produções dos companheiros com frequência. O restante dos alunos realizava parte das atividades, mas se engajava bastante na divulgação de atividades “de lazer” dentro do grupo.

Os alunos passaram a comentar atividades, fotos e postagens da comunidade em sala de aula; alguns estudantes avisavam aos outros sobre a postagem de novas atividades dentro da comunidade, para que todos pudessem realizá-las; depois de um tempo, os alunos passaram a comentar sobre fotos e *posts* no Facebook, no perfil pessoal dos colegas – um

indício de que agora parte deles se comunicava fora da sala de aula, reforçando os laços afetivos e o prazer em estar presente em sala de aula, junto a essas novas amizades. Tal postura corrobora com as declarações de Ventura (2009), que defende que apesar de CV permitirem a ocultação de identidades ou a dissimulação de personalidades e comportamentos é comum que os membros de CV venham a formar laços sociais, trocar confidências, compartilhar gostos e desejos e enfim transportar para o ambiente virtual, características que indiquem a existência de uma socialização real.

Em relação aos benefícios acadêmicos, foi possível identificar: melhor desempenho dos estudantes que participavam da comunidade de aprendizagem; maior discussão e engajamento de vários estudantes para sanar as eventuais dúvidas de alguns indivíduos; e a prática dos pontos gramaticais e do vocabulário de modo informal, pessoal e espontâneo.

Os 14 alunos participantes da comunidade de aprendizagem classificaram a experiência como positiva e solicitaram que o grupo fosse mantido até o retorno às atividades letivas, com as justificativas de manterem um espaço de prática durante as férias e continuarem em contato para além do momento do nível básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levar-se em consideração a experiência relatada, é possível observar a necessidade de discussão de alguns pontos: (i) embora a experiência aponte diversos ganhos para o estudante, no sentido de oportunizar um momento prazeroso e significativo de aprendizagem, é preciso levar em consideração as condições objetivas necessárias para que o recurso das CVA seja difundido e amplamente utilizado dentro das instituições de ensino; (ii) bem como as competências mínimas necessárias ao professor para utilizar tal recurso com vistas a exploração de suas potencialidades pedagógicas.

Diante destes apontamentos é necessário não somente refletir acerca da experiência vivida e relatada neste trabalho, mas se faz fundamental ir ao encontro de referenciais que permitam a discussão da temática. Afinal, como refere Werthein (2000), “as promessas [da Sociedade da Informação] não podem impedir a constatação de inúmeros desafios e problemas. Alguns são técnicos, outros de natureza social, outros ainda puramente econômicos”.

Quando se pensa a respeito das exigências para que o uso das CVA ocorra de forma padronizada em uma instituição é preciso, *a priori*, que a instituição apresente dois pré-requisitos: (a) computadores com acesso à Internet, para que o professor consiga criar sua comunidade, alimente-a com tópicos a serem discutidos e experimentados, consiga visualizar o processo ensino-aprendizagem ocorrendo através das contribuições dos alunos/usuários e tenha a possibilidade de intervir quando necessário; e (b) equipes docente e de suporte pedagógico que compreendam a proposta de forma adequada. Sem tal percepção por parte das equipes e instituição, o uso de redes sociais e/ou quaisquer outros recursos disponíveis na atualidade que fujam da lista de “recursos-padrão” (quadro branco, equipamento multimídia, apresentações de slides e vídeos/músicas) serão incompreendidos, pré-julgados e considerados inadequados.

Outra reflexão que se faz importante é quanto ao preparo que o instrutor/mediador (chamado, no universo das CVA, de “e-moderador”) precisa ter para utilizar o recurso do Facebook em suas aulas: embora a rede social funcione de forma simples, a mesma causa alguma estranheza no início, então é importante que o profissional que pretende utilizar a rede como recurso pedagógico já esteja familiarizado com a mesma. Ao comparar-se a rede social Facebook com as demais é visível a facilidade que esta apresenta no que se refere à transmissão/divulgação de informações, o que exige atenção no referente à privacidade dos participantes do grupo e o conteúdo das informações transmitidas. É importante, portanto, que o professor, ao propor o uso de CVA como recurso para suas aulas esteja familiarizado com o ambiente virtual, com o uso das TIC de uma forma geral e com as questões éticas e legais que podem interferir no bom andamento das aulas.

É interessante ainda que, compreendendo a utilidade do recurso e a necessidade de dedicação à manutenção da CVA, a instituição defina junto ao seu quadro de funcionários uma forma apropriada de reconhecer o mediador por suas atividades dentro do ambiente, uma vez que manter um nível apropriado de utilização do recurso exige alimentação constante do espaço e, conseqüentemente, tempo para criar atividades, observar seu desenvolvimento por parte dos estudantes e dar a eles *feedback* apropriado.

Segundo Silva, Pesce e Zuin (2010), corroborado pelo discurso de Machado (2010), “o principal papel o *e-moderador* consiste em promover o envolvimento dos participantes de forma que o conhecimento por eles construído seja utilizável em novas e diferentes situações.” Além disso, ainda segundo os autores, cabe ao e-moderador garantir que a CVA

conte com *presença cognitiva, presença social e presença de ensino*, e os serviços prestados não podem se limitar à moderação, como precisam se expandir através da mediação da relação dos alunos entre si, com os conteúdos, os contextos e a comunidade. Trata-se, portanto, de uma função complexa; exercer tal papel de forma correta exige do profissional estudo, prática e tempo. As empresas precisam compreender este papel para que o *e-moderador* seja adequadamente reconhecido, valorizado e remunerado.

Como cita Machado (2010), cabe ainda ao e-moderador definir estratégias de avaliação e participação, a fim de garantir que a colaboração do aluno ocorra de forma lúdica, criativa e envolvente. Ao enfatizar as CVA enquanto recurso didático, os autores demonstraram através do relato de suas experiências junto a uma turma de idiomas que é possível formar CVA em redes sociais de forma simples, gratuita, e eficaz, desde que haja criatividade e que a instituição de ensino forneça um alicerce técnico, tecnológico e pedagógico para tal.

Quando se reflete acerca dos desafios para a implantação do uso das CVA como recurso didático, Machado (2010) frisa que a distância física entre professores e alunos, bem como a comunicação através das mídias, são inovações trazidas pela Educação a Distância para a rotina das instituições de ensino. Tais inovações, para alcançarem os resultados propostos, dependem diretamente de investimentos em tecnologia avançada e da mudança na cultura de professores e alunos, que ainda têm como parâmetro o modelo pedagógico puramente presencial. Enquanto as instituições de ensino não conceberem as funções educadora e agregadora das TIC, estes recursos permanecerão subaproveitados e relegados exclusivamente à função de adereços pedagógicos.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – Volume 1**, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

COLL, C., ILLERA, J. Alfabetização, novas alfabetizações e alfabetização digital. In: COLL, C., MONEREO, C.; **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação**. Porto Alegre: Artmed; 2010

COLL, César; BUSTOS, Alfonso; ENGEL, Anna. As comunidades virtuais de aprendizagem. In: COLL, César; MONEREO, Carles (Orgs.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 13, p. 268 – 286.

FILATRO, Andrea. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, F., FORMIGA, M. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasi; 2009.

MACHADO, A. C. T. Comunidade de aprendizagem: uma experiência no âmbito de uma unidade curricular do mestrado em ciências da educação. **Revista científica de educação a distância**, v. 2, n. 3, jul-2010.

ONRUBIA, J.; COLOMINA, R., ENGEL, A. Os ambientes virtuais de aprendizagem baseados no trabalho em grupo e na aprendizagem colaborativa. In. COLL, C., MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação**. Porto Alegre: Artmed; 2010

SILVA, M., PESCE, L., ZUIN, A. (Org.). **Educação online: cenários, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

TRACTENBERG, Leonel, STRUCHINER, Miriam. **A emergência da colaboração na educação e as transformações na sociedade pós-industrial: em busca de uma compreensão problematizadora**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 36, n.2, maio/ago, p 65-77; 2010.

VENTURA, P. P. B. **A cultura como elemento formador de comunidades virtuais de aprendizagem**. Revista Científica de Educação a Distância, v. 2, n. 2, dez-2009.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: Learning, meaning and identity**. New York: Cambridge University Press, 1998.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da Informação e seus desafios. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago, p71-77; 2000.

Recebido em 26 de julho de 2013
Aceito em 9 de dezembro de 2013